

FMI e Banco

Mundial dizem como vão ajudar os devedores

O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird) chegaram a um acordo de divisão de funções e poderes no relacionamento com os países em desenvolvimento. O acordo, confirmado ontem à noite, escreve nosso correspondente em **Washington, Moisés Rabinovici**, se dá num momento em que as duas instituições estão assumindo um novo papel e maiores responsabilidades com o novo Plano Brady de redução da dívida, que ambas começam a discutir neste fim de semana na capital norte-americana.

Pelo acordo, o FMI mantém sua primazia em taxa de câmbio e nos assuntos fiscais e monetários, sendo o responsável pelo julgamento de políticas macroeconômicas, enquanto o Bird avalia os objetivos do desenvolvimento econômico dos seus países-membros.

Feita a paz, os ministros de Finanças de todo o mundo (inclusive Maílson da Nóbrega) discutem de hoje até quarta-feira, em Washington, dois assuntos prioritários: o plano de redução da dívida anunciado pelos EUA em 3 de março e a

situação monetária internacional.

O princípio do Plano Brady é o de que a dívida dos 39 maiores devedores mundiais pode ser reduzida em 20%, ou US\$ 60 bilhões, em 3 anos, com o Banco Mundial e o FMI contribuindo com cerca de US\$ 25 bilhões, que é uma quantia de que já dispõem. O Japão prometeu ajudar com recursos de até US\$ 10 bilhões. O dinheiro serviria entre outras coisas para que os países devedores comprem suas próprias dívidas com o desconto do mercado secundário.

Mas o Banco Mundial, num relatório confidencial, já alertou para um problema: o governo americano está confiando que os bancos comerciais emprestarão mais dinheiro aos países em desenvolvimento, depois que perdoarem parte dos empréstimos antigos, e isto é pouco provável. Segundo o relatório, que vazou para a imprensa, tanto o Banco Mundial como o FMI terão que substituir os credores privados para que o fluxo de dinheiro novo, e necessário ao desenvolvimento, seja mantido.